

Diálogo entre fotografia e literatura nas revistas Vita e A Vida de Minas

A dialogue between photography and literature in Vita and A Vida de Minas magazines

Nelise Pereira da Silva Pacheco¹

Resumo: A literatura e a fotografia são sistemas semióticos, nos quais empregam linguagens distintas, mas estabelecem pontos de confluência. A fotografia cumpre um importante papel ao fornecer um testemunho que pode ser complemento de uma perspectiva a partir da literatura. A junção entre as duas mídias amplia a interpretação, bem como a relação de sentido. Este artigo propõe uma análise da interação entre a literatura e a fotografia nas revistas *Vita* e *A vida de Minas*. As revistas literárias circulavam em Minas Gerais e são exemplos que retratam o universo cultural e as características da época, abordando uma temática ampla em relação à literatura, música, humor, teatro, política, cinema, arquitetura, dentre outros assuntos. A revista *Vita* circulou no período entre 1913 e 1915 com edição mensal, já a revista *A vida de Minas* foi publicada no período entre 1915 e 1922 com edição quinzenal. As fotografias publicadas nos periódicos são datadas e estão dentro de um contexto, um momento histórico brasileiro e também de Minas Gerais. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo fazer uma análise das imagens e explanar sobre a história das fotografias selecionadas, tendo como base o pensamento de Susan Sontag (2004), afirmando que a fotografia nos auxilia no processo de percepção do mundo à medida que preenchem lacunas, será investigado o percurso histórico que envolve o ato fotográfico e os desdobramentos estéticos que tornam possível estabelecer a relação entre literatura e fotografia. Em seguida, para analisar as fotografias usaremos como guia o escritor Philippe Dubois (1993), no qual aborda três grandes teorias referentes ao princípio de realidade da fotografia: a fotografia como espelho do real, a fotografia como transformação do real e a fotografia como traço de um real. Outro aspecto a ser explorado é pensar nas fotografias partir de um momento histórico cultural específico e relacioná-las ao texto estabelecendo as aproximações. A proposta é apresentar um novo olhar a partir dos conceitos apresentados por Dubois sobre a realidade da imagem em relação ao seu referente, que é um questionamento antigo, mas ainda presente na atualidade.

Palavras-chave: Literatura; Fotografia; *Vita*; *A vida de Minas*.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) - Unidade Universitária de Campo Grande-MS.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Abstract: Literature and photography are semiotic systems which employ different languages. However, they establish points of confluence. Photography plays an important role in providing a testimony that can complement a perspective from the literature. The junction between the two medias extends the interpretation as well as the relation of meaning. This article proposes an analysis of the interaction between literature and photography in both *Vita* and *A Vida de Minas* magazines. Those literary magazines used to circulate in Minas Gerais and are examples which reflect the cultural universe and the characteristics of that time, addressing a broad theme in relation to literature, music, humor, theater, politics, movies, architecture, among other subjects. *Vita Magazine* circulated in the period between 1913 and 1915 with monthly issues, while *A Vida de Minas Magazine* was published in the period between 1915 and 1922 with biweekly issue. The photographs published in the journals are dated and in context, a historical moment in Brazil and also in Minas Gerais. Thus, this paper aims to make an analysis of the images and explain about the history of the selected photographs, based on the thought of Susan Sontag (2004), stating that photography helps us in the process of perception of the world as they fill gaps, also it will be investigated the historical path that involves the photographic act and the aesthetic developments that make it possible to establish the relationship between literature and photography. Then, to analyze the photographs we will use writer Philippe Dubois (1993) as a guide, who approaches three major theories regarding the principle of reality of photography: photography as a mirror of reality, photography as a transformation of reality and photography as a trace of a real. Another aspect to be explored is to think of the photographs from a specific cultural historical moment and to associate them to the text establishing their relations. The proposal is to present a new look from the concepts presented by Dubois about the reality of the image in relation to its referent, which is an old question, but it is still present today.

Keywords: *Literature; Photography; Vita; A Vida de Minas.*

A fotografia passou por uma transformação ao longo das décadas para chegar ao que conhecemos hoje. Tais modificações envolvem os aspectos tecnológicos, bem como a percepção em relação ao ato fotográfico e a fotografia em si. A escritora e crítica Susan Sontag em sua obra *Sobre fotografia* apresenta a história da fotografia estabelecendo um diálogo com a sociologia e a filosofia. Assim, a autora cita o mito da caverna como uma ideia ainda presente, destacando o impacto gerado pelas imagens em nossa sociedade. Sabe-se que no mito da caverna os homens visualizavam somente as sombras das imagens de tudo que existia fora do lado de fora, ou seja, o mundo, e acreditavam ter acesso à realidade. Para Susan Sontag “a humanidade permanece, de forma impenitente, na caverna de Platão, ainda se regozijando, segundo seu costume ancestral, com meras imagens da verdade.” (SONTAG, 2004, p. 13). A fotografia na contemporaneidade se transformou em um instrumento de conhecimento, em que a todo o momento as imagens solicitam nossa atenção e a cada dia cresce a necessidade em aumentar nosso acervo fotográfico o que “nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça – como uma antologia de imagens.” (SONTAG, 2004, p.13).

É preciso reconhecer que a fotografia cumpre um importante papel à medida que fornece um testemunho. Sontag menciona ainda que “uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer; mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

imagem.” (SONTAG, 2004, p. 16) e essa relação com a realidade auxilia no processo de desenvolvimento moral e a relação de sentido de quem observa a imagem. Como exemplo, podemos citar a foto publicada em junho de 2019 que registra os corpos de pai e filha no Rio Bravo no México, em que o pai colocou a filha dentro de sua camisa para fazer a travessia, mas ambos morreram afogados ao tentaram chegar à fronteira americana. Tal imagem contribui de forma mais significativa para a formação de uma opinião sobre a crise dos refugiados do que uma notícia no telejornal ou um texto escrito. “Fotos chocam na proporção em que mostram algo novo.” (SONTAG, 2004, p.30). Mas a exposição constante a esse tipo de imagem faz com que o choque aos poucos se torne algo comum, ou seja, faz com que a tragédia se torne mais familiar. Dessa forma, a fotografia nos auxilia no processo de percepção do mundo à medida que preenchem lacunas, mas não podemos reduzir tal mundo a registros de uma câmera fotográfica.

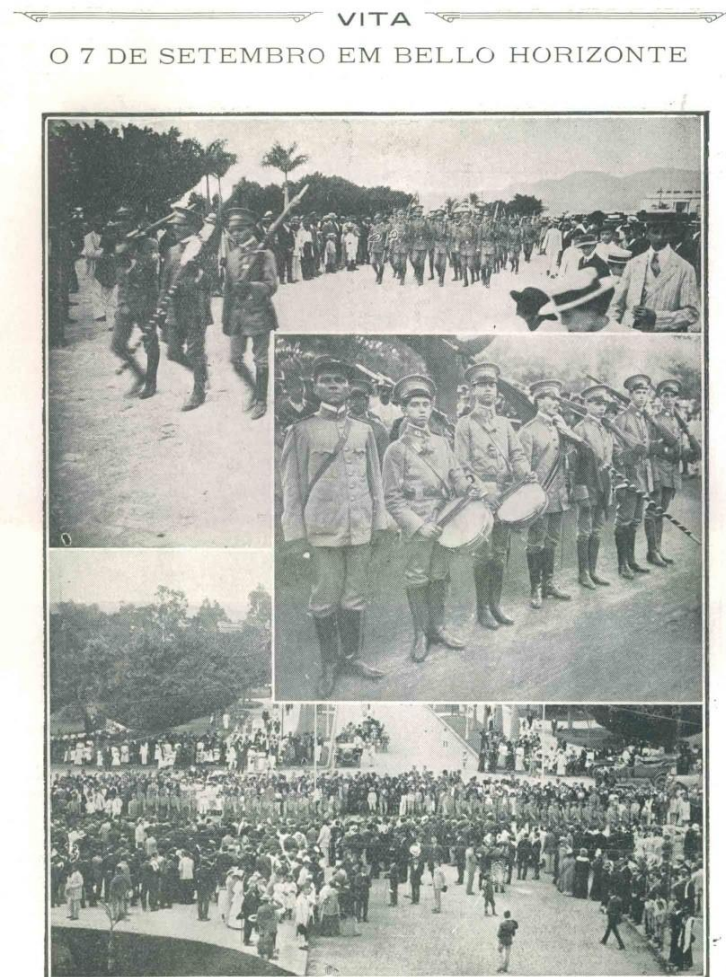
Ainda sobre o percurso histórico que envolve o ato fotográfico Philippe Dubois em sua obra *O Ato Fotográfico e Outros Ensaios* apresenta uma retrospectiva sobre a questão do realismo na fotografia. Dubois trabalha a questão do realismo da verossimilhança ao índice identificando o percurso em três momentos: a fotografia como espelho do real, a fotografia como transformação do real e a fotografia como traço do real. Trata-se, respectivamente, do discurso da mimese, em que a fotografia advém do real e coloca a realidade diante dos nossos olhos, momento que é considerada ultra realista. Em seguida, o discurso do código e da desconstrução que atribui à imagem uma realidade interna que vai além das aparências. Por fim, o discurso do índice e da referência que atribui à fotografia um valor singular e relativo.

E aqui entra em questão o aspecto que pretendemos analisar nas relações entre fotografia e literatura presente nas revistas *Vita* e *A vida de Minas*. As revistas literárias e culturais circulavam em Minas Gerais e são exemplos que retratam o universo cultural e as características da época, abordando uma temática ampla em relação à literatura, música, humor, teatro, política, cinema, arquitetura, dentre outros assuntos. A revista *Vita* circulou no período entre 1913 e 1915 com edição mensal, já a revista *A vida de Minas* foi publicada no período entre 1915 e 1922 com edição quinzenal. As fotografias publicadas nos periódicos são datadas e estão dentro de um contexto, um momento histórico brasileiro específico e também de Minas Gerais. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo fazer uma análise das imagens e explicar sobre a história por trás das fotografias selecionadas, estabelecendo em que medida são espelho do real, transformam o real ou apenas carregam

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

um traço do real. Outro aspecto a ser explorado é pensar as fotografias que aparecem nas revistas a partir de um momento histórico cultural específico e relacioná-las ao texto verbal estabelecendo aproximações e distanciamentos. A proposta não é estabelecer um padrão em relação às fotos analisadas, mas apresentar um novo olhar a partir dos conceitos apresentados por Dubois sobre a realidade da imagem em relação ao seu referente, que é um questionamento antigo, mas ainda presente na atualidade. É necessário destacar que o período em que as fotos foram realizadas bem como a recepção e a percepção de realidade naquele momento sofreram mudanças com relação à contemporaneidade.

Dessa forma iniciamos análise com uma fotografia da revista *Vita* publicada em 11 de outubro de 1913.



A parada do Tiro 52. 1 - O Tiro ao chegar á Praça da Liberdade, para as continencias ao Presidente do Estado. — 2 - As seis praças distinguidas com a medalha de ouro, vendo-se ao lado o esforço instructor do Tiro, tenente Hugo de Mattos. — 3 - Em continencia, á frente do Palacio

Fotografia 1 - 07 de Setembro em Belo Horizonte

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Fonte: Vita, 1913.

As fotografias tiradas no dia 07 de setembro de 1913 assumem a importante função como instrumento de registro documental, referente à comemoração ao 91º aniversário da independência do Brasil realizada na cidade de Belo Horizonte. A história da tradição militar marcou o desfile cívico, o qual reuniu integrantes do governo e o público geral que acompanharam o evento. Considerando a data de publicação das imagens, bem como o contexto histórico em que estão inseridas e a recepção pela sociedade da época é possível pensar, em um primeiro momento, na relação dessas fotografias com os seus referentes estabelecendo uma ligação com a perspectiva teórica da fotografia como espelho do real. Este primeiro discurso considera que o efeito de realidade encontrado nas fotos, como um documento dos acontecimentos do evento, ocorre devido à semelhança entre o objeto e a imagem real. Assim, o grau de iconicidade das imagens está diretamente relacionado às condições de recepção do corpo social daquele período e o sentido atribuído às fotografias. Ao analisar a ideologia da fotografia como espelho do real, Dubois cita as ideias de Baudelaire para estabelecer o papel da fotografia “O papel da fotografia é conservar o traço do passado ou auxiliar as ciências em seu esforço para uma melhor apreensão da realidade do mundo.” (DUBOIS, 1993, p.30).

Embora seja uma questão subjetiva, o primeiro passo ao analisar as imagens diz respeito a identificar o objetivo das fotos, ou seja, constatar a intenção ao captar tais imagens. Observa-se que foi realizada uma montagem contendo três fotos que ocupam uma página da revista. Na primeira imagem é possível identificar um momento do desfile cívico militar, em que os militares passam entre os espectadores que acompanham o evento. O primeiro grupamento é formado por três militares, sendo o que ocupa a posição central é o porta-bandeira e os outros dois são guardas que carregam o fuzil com baioneta armada. O segundo grupamento aparece um pouco mais distante do enquadramento lateral, mas nota-se que é um grupamento maior formado por fileiras de seis militares. Outro aspecto que é possível identificar nessa imagem é a característica referente à vestimenta típica da época, especialmente o uso de chapéu por homens, mulheres e crianças. Os homens que prestigiavam o desfile estavam de terno, o que demonstra a importância do evento para época. Em relação ao cenário, ao lado direito observa-se as árvores que aparecem em segundo plano, atrás do público, conduzindo para uma percepção de profundidade de campo. Ao fundo é possível visualizar um morro. Já ao lado esquerdo verifica-se parte do público que acompanha o evento e ao fundo um edifício.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

A segunda fotografia que compõe a montagem está sobreposta à primeira e a terceira, o que lhe atribui certo destaque, pois no conjunto das três fotos é a única a apresentar-se de forma completa. O enquadramento compreende um cenário mais reduzido, em que o principal objetivo foi captar a imagem dos sete militares alinhados em uma formação em determinado momento do desfile militar. Mais uma vez, ao centro, como uma posição de destaque, encontra-se o porta-bandeira, no qual é possível identificar que a bandeira é conduzida por uma haste forrada por duas cores em espiral e na ponta há uma lança. O porta-bandeira carrega uma faixa, também em duas cores, chamada de talabarte. Ao lado esquerdo do porta bandeira, três militares com fuzil, já ao lado direito mais três militares, sendo dois com instrumento musical conhecido como tarol e o uniforme com características distintas dos demais. O outro militar não porta nada nas mãos, pois parece responsável por conduzir determinado procedimento referente ao desfile.

A terceira imagem apresenta um enquadramento amplo, um registro realizado de cima, o que possibilitou uma visão mais panorâmica do evento. Nota-se uma formação dos militares ao centro e um aglomerado de pessoas em ambos os lados. Além da fotografia ter sido tirada de cima observa-se uma distância entre o fotógrafo e a imagem registrada, assim não é possível identificar com detalhes os elementos da foto.

As características mencionadas foram pautadas utilizando a fotografia como um recurso literário, ou seja, a descrição da própria imagem apresentada como um processo inicial de análise. Ao estabelecer a ligação das imagens com o título e a legenda do conjunto fotográfico é possível complementar a análise com mais informações. O título grafado em caixa alta destaca a data de 07 de setembro, que isoladamente já está associada à história do Brasil e mais precisamente a Independência do Brasil. Em seguida temos a informação do local em que o evento foi realizado, a cidade de Belo Horizonte.

A legenda descreve a instituição militar da época responsável por conduzir o desfile cívico militar, Tiro 52. Em seguida, a primeira imagem é adicionada o local de chegada da tropa militar, à Praça da Liberdade e ainda é possível saber o ato solene que foi realizado: continência ao Presidente do Estado. Já nas informações da legenda sobre a segunda imagem verifica-se que a identidade de um dos militares é revelada: “O esforço instrutor de tiro Tenente Hugo de Mattos” (VITA, 1913, n. p.), posicionado como um

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

condutor do grupo dos “seis praças² distinguidas com a medalha de ouro” (VITA, 1913, n. p.). A medalha de Praça mais Distinta é atribuída aos militares que se destacam em um conceito global que envolve requisitos como: apresentação militar, assiduidade, comportamento, pontualidade. Em seguida, na terceira imagem tomamos conhecimento do local, em que possivelmente o fotógrafo teve acesso para realizar a foto, o segundo pavimento do Palácio da Liberdade. Assim é possível identificar que as fotografias por si só conseguiram estabelecer uma mensagem ao leitor, mas os textos ampliaram as informações e complementaram a parcela abstrata contida na imagem.



Fotografia 2 - A Elite Horizontalina / A Elite Barbacenense

Fonte: Vita, 1913.

Ao observar as fotografias acima, seguindo uma análise que estabelece a relação entre o receptor, a fotografia e o fotógrafo é possível identificar uma relação com a teoria estabelecida por Dubois, na qual aborda a “desconstrução do efeito de real” em que se

² Dentro do militarismo, existem duas categorias: os Oficiais e as Praças. Basicamente, os Oficiais exercem tarefas estratégicas, de planejamento e os Praças executam.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

reconhece a fotografia como transformação do real. Para desenvolver tal teoria, Dubois evoca Rudolf Arnheim e Siegfried Kracauer para abordar aspectos relacionados à psicologia da percepção e Hubert Damisch, Pierre Bourdieu e Jean Louis Baudry para expor as ideias relacionadas ao campo ideológico.

Para confrontar a ideia de fotografia como mimese da realidade Dubois cita a obra de Rudolf Arnheim, *Film as art*, apontando os argumentos que invalidam a concepção de fotografia como espelho do real.

[...] em primeiro lugar, a fotografia oferece ao mundo uma imagem determinada ao mesmo tempo pelo ângulo de visão escolhido, por sua distância do objeto e pelo enquadramento; em seguida, reduz, por um lado, a tridimensionalidade do objeto a uma imagem bidimensional e, por outro, todo o campo das variações cromáticas a um contraste branco e preto; finalmente, isola um ponto preciso de espaço-tempo e é puramente visual [...], excluindo qualquer outra sensação olfativa ou tátil. (DUBOIS, 1993, p. 38)

Ao analisar todos esses aspectos nas fotografias apresentadas na fotografia 2 pode-se afirmar que as escolhas realizadas pelo fotógrafo conduzem o ato fotográfico e passa a interferir no resultado final. Se antes, na teoria referente à fotografia como espelho do real, o fotógrafo era apenas o acionador do disparo, restringindo-se apenas ao *click*, primeira etapa do processo fotográfico. Ocorre, agora, uma nova concepção ao reconhecer a presença do sujeito, fotógrafo, em que a interferência humana é capaz de transformar o real atribuindo uma nova interpretação a fotografia. Em ambas as fotos (fotografia 2) nota-se que as mulheres posam para a realização das fotos, ou seja, sabem que estão sendo fotografadas e aguardam por esse instante. Assim se estabelece a segunda interferência em relação ao ato fotográfico. Segundo Roland Barthes, “Ora, a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a ‘posar’, fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem.” (BARTHES, 2018, p. 18). A primeira imagem (fotografia 2) revela uma mulher com aspecto natural, em que o fotógrafo optou em realizar uma área de corte na altura do peito, o que atribuiu um destaque para o rosto da jovem mulher, revelando uma expressão facial séria, porém suave. A mulher utiliza um traje claro, em que é possível identificar o tecido em renda trabalhado com flores, a gola é alta, um colar simples como acessório, cabelo curto posicionado sobre as orelhas, uma pequena franja e uma faixa de cabelo grossa como mais um adorno. O

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

enquadramento permitiu um amplo espaço acima da cabeça balanceando com o espaço reduzido nas laterais da imagem, na linha dos braços que acabam ocultos pelo efeito da luz.

A segunda imagem (fotografia 2) apresenta três jovens mulheres que pela semelhança física parecem ser irmãs. A primeira sentada em uma cadeira inclina o corpo levemente sobre a mesa, na qual mantém o braço apoiado e leva a mão de forma suave como se no momento da foto estivesse acariciando o cabelo, a outra mão pousa sobre as pernas. A jovem possui o cabelo curto e veste uma saia longa escura e uma blusa clara de manga curta com algum tipo de adorno ao centro. Observa-se que seu olhar segue uma linha diagonal ao quadro fotográfico estabelecido no enquadramento. Sua expressão é séria, porém serena. A segunda o jovem, posicionada em pé atrás da que está sentada, está vestida com blusa clara de manga longa com um detalhe escuro nas extremidades e no punho e uma gravata escura estilo borboleta, cabelo curto com uma pequena franja. Não é possível identificar a posição das mãos, bem como a parte inferior do corpo, pois estão encobertos pela jovem sentada à frente. Seu olhar é o único entre as três que está centralizado ao quadro fotográfico, ou seja, estabeleceu o olhar diretamente ao fotógrafo. A terceira jovem também está posicionada em pé, mas atrás somente da mesa. É possível verificar que suas mãos estão apoiadas sobre a mesa, seu cabelo é curto e está dividido ao meio, veste saia longa escura e blusa clara de manga curta. Assim como a primeira jovem descrita seu olhar também segue uma linha diagonal. A jovem parece iniciar um leve sorriso presente no seu canto labial direito. Em relação ao cenário, existe uma cadeira com o encosto vazado e o assento assemelha-se a estampa da toalha da mesa. Sobre a mesa consta um livro aberto e um objeto grande no canto esquerdo da imagem. Ao fundo, apesar da imagem não estar nítida nota-se algo que compõe a parede escura. A imagem foi trabalhada com uma diagramação para a publicação na revista contendo duas molduras: uma interna com acabamento oval inserida na moldura externa retangular.

Analisando as fotos a partir do período em que foram publicadas é possível afirmar que as jovens retratadas nas fotografias faziam parte de uma classe social privilegiada, pois o papel da mulher naquele período era restrito e com ocupações específicas sempre monitoradas pelo marido ou os homens da família, bem como pela própria sociedade. Assim, aparecer em uma revista naquele contexto histórico era certamente sinônimo de prestígio e destaque. As imagens daquelas mulheres na revista estabelecem um tipo de padrão esperado do público feminino que acompanhava a revista naquele período. O médico, escritor, poeta e memorialista Pedro Nava, em sua obra *Beira Mar* descreve sua

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

juventude em Belo Horizonte no período entre 1920 a 1926. Ao relatar que sua mãe passou a atuar no serviço público fica evidente o conservadorismo da família mineira em relação à mulher:

Realmente, várias amizades de senhoras de Belo Horizonte tinham tomado outro tom desde que minha Mãe se tornara funcionária pública. Naquele tempo só havia duas profissões admissíveis para mulher: professora ou puta e minha Mãe tendo escolhido o emprego público, constituíra-se numa espécie de aberração social que a Tradicional Família Mineira custaria a sancionar. [...] na época em que minha Mãe arrostara o grupo social a que pertencia, entrando para uma repartição, ela sentira, por isso, uma espécie de banimento que atingiu também, a nós, seus filhos e que dava para percebermos. (NAVA, 2003, p.28-29)

A ideia de notoriedade na escolha dessas mulheres para edição da revista é reforçada quando realizamos a leitura dos títulos que acompanham as fotografias. Para a primeira imagem tem-se: “A ELITE HORIZONTINA” (VITA, 1913, n. p.), representada pela “Mme Waldemar Loureiro” (VITA, 1913, n. p.). Ao ser identificada como Mme, abreviação de *Madame*, em francês e Senhora para a língua portuguesa o que caracterizava o estado civil da mulher como casada. A segunda imagem apresenta como título: “A ELITE BARBACENENSE” (VITA, 1913, n. p.), momento em que as mulheres da foto assumem suas identidades, as “Senhoritas Nhazinha, Annita e Eugenia de Sá Fortes” (VITA, 1913, n. p.). A palavra elite corrobora para a ideia de prestígio e representação de padrão da época. Assim, as fotografias revelam uma realidade interna, que está além das aparências. Conforme afirma Dubois:

[...] trata-se de assinalar a desconfiança quanto à objetividade, à neutralidade e à naturalidade do meio fotográfico na sua reprodução da realidade empírica. Essa desconfiança baseia-se (ou gera) uma crença numa verdade propriamente interna, interiorizada, que não se confunde com as aparências do próprio real. (DUBOIS, 1993, p. 44)

A imagem de uma mulher representando o município de Belo Horizonte e as outras três o município de Barbacena são o símbolo de um grupo social valorizado.

Na última análise observamos uma imagem publicada na revista *A vida de Minas* em 01 de fevereiro de 1916 e que representam a terceira categoria desenvolvida por Dubois: a fotografia como traço do real. É importante destacar que a imagem foi publicada com um

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

texto extenso que complementa as ideias apresentadas e abarcam informações que não são possíveis de serem captadas apenas com a imagem.

Segundo Dubois, em relação às posições epistemológicas sobre o realismo nas fotografias apresentadas anteriormente, tanto a teoria da fotografia como espelho do real, quanto à teoria da fotografia como transformação do real atribuem um valor absoluto a foto. O primeiro bloco de imagens analisadas, as fotografias dos militares apresentam tal concepção através da semelhança ao referente, ou seja, o discurso da mimese. Já no segundo bloco de imagens, as fotografias das mulheres atribuem um valor absoluto por convenção, momento que ocorre o deslocamento da questão do realismo e a fotografia deixa de ser realista e transparente. A última imagem apresenta a fotografia como índice em contraposição ao valor atribuído a fotografia pelos discursos anteriores, seja por semelhança ou por convenção, atribuindo um valor singular e relativo em que a fotografia constitui traço de um real.



Fotografia 3 - Na Casa de Orates: Elas

Fonte: A vida de Minas, 1916.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Na foto observa-se um pátio amplo, árvores ao centro, várias pilastras, prédio de dois pavimentos em que todas as janelas possuem grades e pessoas espalhadas ao longo de toda área. O homem parado no canto direito da imagem remete a um guarda, no qual parece observar algo não captado pela imagem. Tendo só a imagem como referência, mesmo sem saber ao certo o local é possível afirmar que o ambiente é um espaço interno de alguma instituição: hospital, escola ou um convento. Assim, a foto comprova que esse lugar existiu, estabelecendo uma ligação com o seu referente no sentido de “atestar a existência de uma realidade” (DUBOIS, 1993, p. 52), mas não é possível estabelecer uma relação de sentido.

[...] a foto índice afirma a nossos olhos a *existência* do que ela representa (o “isso foi” de Barthes), mas nada nos diz sobre o sentido dessa representação; ela não nos diz “isso quer dizer aquilo”. O referente é colocado pela foto como uma realidade empírica, mas “branca”, se for possível se expressar assim: sua significação continua enigmática para nós, a não ser que sejamos participantes da situação de enunciação de onde a imagem provém. (DUBOIS, 1993, p. 52)

É nesse aspecto que se constitui a fotografia como traço do real estabelecendo um retorno da imagem ao referente, mas sem o realismo mimético, conforme destaca Dubois: “voltar à questão do realismo referencial sem a obsessão de se cair no ardid do analogismo mimético, livre da angústia do ilusionismo.” (DUBOIS, 1993, p. 46.). É importante destacar que o princípio do traço não exclui por completo os aspectos do ícone e do símbolo. Estamos falando de um instante que liga o referente à fotografia, o que atesta a presença de algo real e sem ele a imagem não existiria. Para Roland Barthes é a “dupla posição conjunta: de realidade e de passado” (BARTHES, 2018, p.67), o momento denominado “isso foi” (BARTHES, 2018, p.67). Após esse instante os aspectos do ícone e do símbolo voltam a se completar. Dubois afirma que “a foto é em primeiro lugar índice. Só depois ela pode tornar-se parecida (ícone) e adquirir sentido (símbolo).” (DUBOIS, 1993, p. 53)

Em seguida, realizando a análise tendo como base as informações presentes no texto que acompanha a foto pode-se observar uma realidade desvendada a partir de outro código estético que possibilita ampliar a visão em relação à fotografia em destaque. O texto intitulado “Na Casa de Orates: Elas!” (A VIDA DE MINAS, 1916, n. p.) assim como a legenda da foto “Pátio do departamento de senhoras no Manicômio do Dr Esquerdo” (A

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

VIDA DE MINAS, 1916, n. p.) já situa o leitor sobre o local em que a foto foi realizada. Ao prosseguir com a leitura é possível obter mais detalhes sobre o estabelecimento:

...E penetramos, por uma pequena porta existente na grade, no pátio das loucas.

Era amplíssimo e quadrado. O seu interior lembra, pela disposição das galerias, a severidade de um claustro. Sobre os bancos de madeira e sobre as escadas que dão acesso ao interior do edifício, estavam assentadas as pobres dementes. A nossa entrada foi acolhida por estranhos gritos e agudas gargalhadas que nos deixaram transidos de terror, tão intensamente trágicas eram. (A VIDA DE MINAS, 1916, n.p.)

A descrição do local revela que as mídias, literatura e fotografia, se complementam à medida em que a imagem não abrange determinadas particularidades que foram descritas, bem como é possível captar detalhes na imagem que não estão no texto.

As fotografias selecionadas das revistas *Vita* e *A vida de Minas* possibilitam a análise das três teorias apresentadas por Dubois. São revistas do século XX ricas em imagens, grande parte em preto e branco, pois apesar da fotografia colorida já existir era um procedimento de custo elevado e pouco difundido. Nos periódicos também encontramos o aspecto literário sendo possível estabelecer a relação entre esses dois códigos estéticos. Vimos que as fotografias analisadas mesmo quando apresentavam somente um título e uma pequena legenda atribuíram um maior significado e esclarecimento sobre as fotos. Assim, o primeiro conjunto de imagem faz relação à teoria da fotografia como espelho do real, em que as imagens dos militares no desfile cívico militar de 07 de setembro de 1913 representam um ícone e estabelecem uma relação de semelhança com seu referente. Em seguida, as imagens daquelas mulheres representando a elite de duas cidades do Estado de Minas Gerais estão associadas à fotografia como transformação do real, ou seja, um símbolo que transmite a ideia de convenção, um conjunto de códigos expostos como um padrão. Por fim, a última imagem nos conduz ao entendimento da fotografia como traço de um real, sendo o discurso do índice e da referência.

Da análise empreendida constata-se algumas possibilidades do diálogo entre a fotografia e a literatura o que corrobora para redefinir os limites entre a imagem e a palavra.

REFERÊNCIAS

A VIDA de Minas. Belo Horizonte: [s.n], 1915-1916. Quinzenal. Não paginado.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

DESCUBRA A FOTOGRAFIA. São Paulo: Núcleo de Comunicação Design, n° 38, jun. 2007.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. São Paulo: Papirus, 1993.

NAVA, Pedro. *Beira Mar*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VITA. Belo Horizonte: [s.n], 1913-1915. Mensal. Não paginado.

Das Fotografias

Fotografia 1 – 07 de Setembro em Belo Horizonte. VITA. Belo Horizonte: [s.n.], ano 1, n.3, 11 out. 1913.

Fotografia 2 - A Elite Horizontina / A Elite Barbacenense. VITA. Belo Horizonte: [s.n.], ano 1, n.3, 11 out. 1913.

Fotografia 3 – Na Casa de Orates: Elas. A VIDA DE MINAS. Belo Horizonte: [s.n.], ano 2, n. 12, 1 fev. 1916.